ANO 7.º — Sexta-feira, 13 de Março de 1914 — NUMERO 313

O DEMOCRATA

(A VENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Portugal e Espanha

—=(*)=—

Prometemos no nosso artigo ultimo alguma coisa mais dizer ácêrca do assunto, que se nos afigura de capital importancia, atinente ás relações reciprocas entre Portugal e Espanha, e sobre as quaes nos parece que está exercendo pouco favoravel influencia a atitude da imprensa espanhola, não sabemos se inspirada ou se apenas benévolamente acolhida pelo govêrno do país visinho.

E' cérto que falando-se com os que teem mais a perder do que a ganhar com um estado de tensão, ostensivo ou latente, dessas relações, isto é, com industriaes e comerciantes espanhoes, se ouve deles a defêsa calorosa da necessidade de uma amigavel aproximação entre os dois paises, com o fim de se chegar á realisação de um tratado de comercio que a ambos ofereça vantagens. Como cérto é tambem que, segundo comunicou ao *Diario de Noticias* o seu correspondente em Madrid, em telegrama ante-ontem publicado, o subsecretario do reino (gobernacion) de Espanha desautorisou a interpretação dada pelos jornaes madrilenos ás suas palavras, declarando não haver emitido opinião desfavoravel a Portugal.

O que não nos consta, porém, é que o ministério dos estrangeiros (Estado), houvesse dado desmentido ou explicação semilhante, e as suas declarações aos jornalistas madrilenos é que foram as mais gráves e terroristas, como os nossos leitores devem estar lembrados. Daquele ministério foi que se comunicou aos periodicos da capital espanhola haver panico na populacão de Lisboa por motivo do estado anarquico a que os grevistas, de mistura com elementos estranhos e anarquistas, haviam levado a capital portuguêsa, dando-se recontros nas ruas entre a tropa e os revoltosos, e estando a arder a estação central do Rocio, isto além de outras fantasias de analogo mau gosto, para lhes não chamarmos coisa mais desagradavel.

Lamentavel é, com efeito, que, havendo pelos jornaes sido atribuida ao sr. sub-secretario do reino de Espanha em 27 do mez passado, a informação de que *se não tinham recebido noticias de Lisboa porque esta cidade continuava sem comunicações* acrescentando-se que *por diferentes meios se tentára conhecer pormenores das ocorrencias em Portugal, mas que sem duvida o estado anarquico daquela Republica o impedira, pois todas as diligencias foram infructiferas*, lamentavel é, diziamos, que tão tarde—só passados quatro ou cinco dias—aparecesse a rectificação a que acima aludimos e á qual não pôde furtar-se aquele alto funcionario, rendido á evidencia dos factos. Como deveras estranho é afirmar-se na imprensa madrilena, como informação fornecida pelo ministério dos estrangeiros de Espanha e até hoje, que saibamos, por ele não desmentida, de que o sr. presidente da Republica dr. Manuel de Arriaga *dissêra estar disposto a proceder com energia contra os sindicalistas, chegando até a dissolvêl-os, se fosse preciso* visto que *os sindicalistas tratavam de estender a gréve.* Todas estas espantosas informações se liam no fim do mez passado, em jornaes dos mais importantes que se publicam em Madrid, e dos que mais privam com o govêrno do país visinho, e nenhuma delas teve o imediato correctivo de uma rectificação espontanea!

Pelo contrario. Isto publicava-se na noite de 27 de fevereiro, e no dia 28, a um redactor do *Heraldo* dizia o chefe do govêrno espanhol que de Portugal *nada havia de novo, segundo as ultimas noticias que dali transmitiam.* Ora, como se sabe, naquela data já as comunicações telegraficas entre Portugal e Espanha estavam restabelecidas e já tambem restabelecido se encontrava o serviço das linhas ferreas portuguêsas, efectuando-se entre Madrid e Lisboa os comboios da tabela. E o que o presidente do govêrno já então, com segurança, podia dizer de novo aos jornalistas que o entrevistaram, era que careciam de fundamento os boatos terroristas emanados dos ministérios do Reino e dos estrangeiros e de tão boamente divulgados pelos grandes periodicos de Madrid. Mas não o quiz fazer, deixando de pé e com fóros de exactidão aquilo que não passava duma fantasia de noveleiros que nos desejam mal.

Sabiam-no quantas pessoas em Madrid queriam saber a verdade, e só nas estações oficiaes e na imprensa isso parecia ignorar-se! E tanto assim que, ainda em 28 de fevereiro, no *A B C* se lia o seguinte sob o titulo—**Gréve revolucionária:**

«O sr. presidente do conselho não deu ontem noticias ácêrca da situação de Portugal, alegando que as comunicações telegraficas se faziam com grande dificuldade. No ministério dos estraugeiros recebera-se um telegrama confirmando que os ferro-viarios persistem na gréve e que ha cinco dias está interrompida a comunicação pelo correio com Lisboa.

«No interior de Portugal, sobretudo na rêde central, continuam a ser muito dificeis as comunicações telegraficas e telefonicas e os comboios correios não circulam.»

Todos em Portugal sabem que, naquela data, esta informação era falsa, e todos em Madrid poderiam saber que o telegrafo para Lisboa já então funcionava, pois esse aviso lia-se na propria estação central dos telegrafos madrilena, e que o correio chegára, visto que na vespera foram recebidos, pelos proprios jornaes que tal diziam, os jornaes de Lisboa, que desde a vespera tambem estavam á venda na Puerta del Sol e na Calle de Alcalá!

Em conclusão: para se inventarem noticias aterradoras, declaravam-se recebidos em Madrid telegramas de que ninguem mais tinha conhecimento, e que lá se dizia chegarem precisamente quando as linhas telegraficas estavam interrompidas, mas para se dar a informação verdadeira de que as ocorrencias não haviam tido a gravidade atribuida e que a normalidade voltára aos serviços ferroviarios portuguêses, afirmava-se nas estações oficiaes que não chegavam telegramas nem cartas, quando, pelo contrario, já então funcionavam regularmente os serviços telegrafo-postaes entre os dois países!

Não queremos ofender ninguem chamando a tudo isto actos de má fé, mas não nos podemos furtar ao convencimento de que eram, pelo menos, de caracterisada má vontade.

Nem de outro modo se explica que uma folha de Madrid inserisse na noite de sexta-feira 27, este telegrama datado de Valencia de Alcantara, ás 2 horas da tarde:

«Continua a falta absoluta de comunicações com Portugal, sabendo-se por pessoas que veem das povoações da fronteira, que tanto as linhas telegraficas como telefonicas estão cortadas em todo o territorio português, o que impede que se tenham noticias precisas dos acontecimentos.»

Ora nesse dia um compatriota nosso recebera em Madrid tres telegramas de Portugal: um da Beira, ás 10,25 da manhã, dizendo que os comboios circulavam com regularidade, e dois de Lisboa, á 1 e ás 5,30 da tarde! E o comboio rapido que na quinta-feira, 26, á meia noite saira de Madrid chegára no dia seguinte, sem o menor incidente, á estação do Rocio!

Mas precisamente de Valencia de Alcantara telegrafava a esse nosso compatriota o vice-consul de Portugal ali residente, que é um cavalheiro espanhol, dizendo-lhe, naquela mesma data de 27, e apenas duas horas antes do telegrama que acima transcrevemos e que á noite publicou o *Heraldo*, o seguinte:

«A noite passada chegaram os primeiros comboios procedentes de Portugal, esperando-se que todos os serviços recomeçarão hoje, terminando a gréve.»

Claro está que não queremos aqui aludir ás informações enviadas de Badajoz aos jornaes madrilenos e que eram, como de costume, de um pessimismo que as tornava desde logo inverosimeis.

Apenas quizémos tratar das noticias a que, com caracter mais ou menos oficial e aparentemente fidedigno, os mais importantes periodicos de Madrid deram curso nos ultimos dias do mez passado. Resta agora apenas referirmo-nos á atitude de um jornal conservador e muito lido e divulgado em Espanha, e dirigido por um politico e jornalista de grande iniciativa e talento. O que ali se escreveu no dia 1.º deste mez, quando já não podia haver duvidas ácêrca da terminação da gréve dos ferro-viarios portuguêses e de todos os pormenores dos acontecimentos ocorridos em Portugal na ultima semana de fevereiro, merece menção especial.

Reservamol-a para o proximo numero.

A lei da Separação é uma pertença nacional. Ela representa uma das mais belas reivindicações do antigo partido republicano. Admitir uma Republica néstas alturas da civilisação sem a separação do Estado das egrejas seria uma risivel ingenuidade ou uma malevola estupidez.

Antonio José de Almeida.

GOVERNADORES CIVIS

E' por enquanto permaturo tudo quanto diz respeito á nomeação das novas autoridades administrativas pelo govêrno do sr. dr. Bernardino Machado, que, todavia, continua a envidar esforços por alguma coisa nêsse sentido fazer.

Para Aveiro chegou-se a falar em que viria o sr. padre Joaquim Manso, que não temos a honra de conhecer, mas que nos dizem ser um padre de ideias liberaes com quem a Republica póde contar. Não sabemos se é, se não. Com padres é sempre nosso costume estar de opinião antecipada enquanto os não conhecermos bem e, francamente, não é de padres que o distrito precisa. A saír o sr. dr. Alberto Vidal, que, livre de lisonja, tem feito um bom logar, opinâmos porque o venha substituir um republicano historico disposto a colaborar na obra de saneamento moral que é preciso fazer em Aveiro, sem o que nunca poderemos avançar um passo só que seja no caminho do progresso.

Pensem nisso os que alguma obrigação teem de o fazer.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

---

A LEI DE SEPARAÇÃO e o nosso critério

—=(*)=—

Entrou já em discussão na Câmara dos deputados a lei da Separação do Estado das Igrejas.

E' esta, sem duvida, a lei mais importante da Republica. Sem ela as instituições republicanas teriam sofrido os mais tempestuosos ataques da malta clerical que, de mãos dadas com os defensores da monarquia dos adeantamentos, nos teriam envolvido em dificuldades insuperaveis.

Viu bem, e muito ao longe, o arguto autor da lei, publicando-a poucos mezes depois da implantação da Republica, inutilisando, quasi por compléto, um inimigo que vinha, de longa data, fazendo guerra ao partido republicano.

E' esta lei que está levando agora as primeiras tombas, e, o que é para lamentar, é que a opinião que se tem formado no sentido da sua revisão, foi engrossada por meia duzia de patétas republicanos que fazem parte desse partido que, como o seu desastrado chefe, não tem ideias assentes sobre cousa nenhuma.

Espalharam na imprensa, só para fazer estilo e oposição, que a consciencia religiosa precisava de pacificar-se, sem se lembrarem os patetas de que o povo, livre do encargo das congruas, benesses oblatas, conhecenças e oficios, vive numa paz pôdre, ouvindo a missa de borla, sobranceiro ás farroncas do seu abade; sem se recordarem esses politicos de que a celeuma, os grunhidos que se ouvem por algumas partes, não são mais do que o desabafo mal contido da matulagem clerical que se sente ferida de morte nos seus ilegitimos interesses. E' apenas uma questão de estomago, agourando um periodo de vacas magras; é a miseria batendo á porta de muitos que a miseria dos pobres exploravam.

Quanto a nós, pois, a lei da Separação deve sofrer umas ligeiras modificações, não porque assim o exija a consciencia dos católicos que tem, como dantes, ás ordens, o cofre das graças e mais barato o caminho da bemaventurança, mas, porque, sendo o Estado leigo em materia de religião, ele não póde, nem deve imiscuir-se tão intimamente em cousas da igreja e que são da exclusiva alçada desta pela propria naturêsa do assunto.

As modificações a fazer emanciparão o Estado de intervenções irritantes, e, afinal, em nada melhorarão as condições em que o clero se encontra actualmente; porque, como atraz dissémos, o ponto importante, a questão de vida ou de morte para ele, é o interesse ferido. Tudo o mais é poeira, panaceia sem resultado.

Para tapar, pois, a boca a meia duzia de energumenos que, por politica, fazem da revisão um cavalo de batalha e satisfazer as comichões reformistas dos católicos mais ingenuos, o Congresso deve alhear a Republica, por compléto, da intervenção nos cursos eclesiasticos, vestes sacerdotais, cultuais e outras peias de igual teor que nem á Republica dão força ou prestigio, nem melhoram, quando concedidas, as condições do clero e que no actual estado das mutuas relações são um fóco permanente de questiunculas, que não redundam em lucro para nenhuma das partes.

Quanto ás manifestações do culto externo acabariamos com elas em toda a parte, visto que a estupidez e feroz intransigencia do católico não concebe que os não comungantes na sua fé, não tirem o chapeu, quando eles estadeiam em publico as suas ridiculas procissões ou cavalhadas.

Sería este o nosso critério numa revisão da lei de Separação.

José Luciano de Castro

A SUA MORTE

Apesar de esperada ha dias, a morte do antigo chefe do extinto partido progressista, a quem uma pertinaz enfermidade ha anos vinha minando, a confirmação da triste nova não deixou de abalar todos os seus amigos e quantos, especialmente neste distrito donde o ilustre finado era natural e onde residia desde que a Republica foi implantada, por ele tinham especial afeição.

Nestas ultimas horas inumeras colunas de prosa tem sido escritas sobre a existencia do homem que desaparece e áquela em que escrevemos devem, por cérto, acompanhar-nos muitos colégas que, como nós, por dever de oficio, têm de referir-se ao acontecimento que traz á superficie o nome e a vida dum cidadão que os achaques impiedosos da sua sauda e a quéda da sua individualidade politica, quasi que tinham, por absoluto, feito esquecido.

Mas não só estas duas razões qual delas a mais preponderante concorreram para tal esquecimento como ainda a atitude elevadamente patriota que o morto chefe adotara após o triunfo da Revolução, mantendo-se a dentro do mais absoluto silencio como mudo espetador do desenrolar de todas as peripecias politicas do novo regimen, sem que uma palavra, um gesto desse homem partisse, aprovando ou condenando a marcha politica e governativa das novas instituições.

No intimo do seu espirito, claro e luminoso, pelos conhecimentos que do seu elevado contacto provinham, podendo bem avaliar assim a podridão que avassalava as camadas dirigentes, desde o chefe do estado até aos que ele, com o seu prestigio e protecção, cobriu; não lhe passando despercebido nem insensivel o embate tenebroso de todas as ambições que se chocavam na ancia desenfreada da obtenção dos seus desejos; conhecendo dia a dia como se afundavam os sentimentos capazes de manter e salvar o regimen deposto, em volta do qual se estabelecia o vacuo para o que talvez indirectamente concorresse com toda a argucia e subtilezas com que supoz servir o seu partido, mantendo a sua preponderancia, José Luciano de Castro, desaparecida a monarquia, compreendeu que tal facto era uma consequencia fatal e logica do tenebroso cáos em que a politica militante lançou o povo português e retraíu-se.

¿A sua atitude, ultimamente adotada, não sería como que o resuldo do reconhecimento das suas culpas na derrocada monarquica, para a qual, como dedicado servidor do seu rei e inspirador da fé politica do seu partido, tão directamente concorreu?

José Luciano de Castro pela excepcional grandêsa da sua preponderancia, que especialmente advinha do criminoso abandono votado ao país por um rei devasso e vadio, podería ter posto á prova da Patria todos os resultados do seu poderío e da sua influencia.

Mas não sucedeu assim.

Dedicado em extremo pelo regimen serviu-o com decidida devoção, ainda que para isso tivésse muitas vezes de passar por cima de quanto significava justiça e lei, sacrificando os direitos da nação em favor manifesto dos privilegios estabelecidos e dos que as conveniencias e necessidades de momento iam criando.

Cercado de ferozes ambiciosos e mediocres que tripudiavam com o maior descaro por toda a parte onde a desfaçatez os podésse levar na conquista das suas ganànciosas aspirações, criando e estabelecendo até correntes politicas absolutamente pessoaes, como aí vimos com a ignominiosa tutela de Agueda; conhecendo quanto de perigoso para os interesses nacionaes e vitalidade do regimen tal situação estabelecia, comprometido muitas vezes por esses proprios amigos, José Luciano de Castro, em vez de repelir os que conspurcavam não só o seu nome como a propria dignidade politica do seu partido, aproveitava todas as fraquezas, colhendo dessas situações especiaes, que amenisava ou desfazia, como lhe convinha, o natural servilismo e obediencia dos prevaricadores.

Foi onipotente e grande. Mas dessa onipotencia e dessa grandeza proveiu a sua não menos grande desgraça.

Emquanto a clientéla, farta e infame, o cobria de aplausos, cercando-o e cada vez mais distanciando-o da alma da Patria, o povo olhava-o como um cumplice que, arrastado pelo enebriamento do poder, da grandeza e da fortuna, esquecia as imperiosas necessidades do país, representadas na instrução, no fomento, no comercio e na industria para não faltar á voragem do regimen com quanto ele doidamente exigia. Assim, o seu nome ensombrou-se intensamente na gràve questão do *Credito Predial*, que veiu trazer ao conhecimento publico que já não eram os dois erarios, confundindo-se, que esgotavam os rendimentos da nação, mas até os cofres das proprias companhias que eram assaltados por aqueles que, por sua vez, superintendiam na arrecadação dos proventos nacionaes.

Caído, emfim, o regimen, alucinados vingadores procuram saldar as afrontas recebidas invadindo a habitação do velho ministro, que, numa tranquila resignação, aguarda, o resultado do assalto que outros mais tolerantes evitaram.

Fôra a ultima cêna. Desde en-

tão, voltando á sua tebaida de Anadia, silencio profundo envolveu o ex-ministro de Estado, o seu nome e a sua palavra.

Rebate de consciencia? Tacita confissão da parte por ele tomada nas infindas razões que subverteram na alma popular o respeito e o amor pelo antigo regimen? Grito de alma que lhe impunha o caminho a seguir na tremenda conjuntura?

Como quer que fosse a ultima fáse da vida de José Luciano, apeiado do pedestal da sua gloria politica, foi digna e altivamente patriotica. E' antes assim para que podessemos terminar com esta apreciação as despretenciosas, mas verdadeiras palavras com que nos referimos ao chefe morto do morto partido monarquico progressista.

Notas biograficas

O sr. José Luciano de Castro Pereira Côrte-Real nasceu na quinta de Oliveirinha, concelho de Aveiro, a 14 de dezembro de 1834, e era filho de Francisco Joaquim de Castro Côrte-Real, antigo morgado da casa da Oliveirinha, e de D. Maria Augusta da Silva Menezes, e neto do capitão-mór João de Castro Côrte-Real. Em 4 de agosto de 1867 casou com a sr.ª D. Maria Emilia Seabra de Castro, filha do falecido jurisconsulto Alexandre de Seabra, autor do Projecto do Codigo do Processo Civil e individualidade de notavel talento e ilustração.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra, estabeleceu-se como advogado no Porto logo depois da sua formatura e não tardou a conquistar a mais larga e solida reputação, pela perspicacia das suas investigações e pelo vigor da sua argumentação.

Ao mesmo tempo afirmava-se como um jornalista elegante e fogoso, não tardando que a politica o atraísse, como campo mais vasto para a expansão dos seus vastos recursos de orador e de publicista. Em 1853 foi pela primeira vez eleito deputado pela Feira e de aí por diante, até 1887, em que foi nomeado par do reino, raro ou nunca deixou de tomar assento nas camaras, tendo sido eleito deputado pelos circulos e nas legislaturas seguintes:

Legislatura de 1853, de 2 de janeiro a 20 de junho de 1856, pela Feira; 1857, de 2 de janeiro a 2 de março de 1858, pela Feira; 1861, de 30 de maio a 18 de junho de 1864, por Vila Nova de Gaia; 1865, de 2 de janeiro a 15 de maio, por Gaia; ainda em 1865, de 30 de julho a 14 de janeiro de 1868, por Viana do Castélo; 1863, de 26 de abril a 23 de janeiro de 1870, por Aveiro; 1870, de 30 de março a 29 de julho do mesmo ano, por Aveiro e Lisboa; 1870, de 15 de outubro a 3 de junho de 1871, por Anadia; 1871, de 22 de julho a 2 de abril de 1874, por Anadia; 1875, de 2 de janeiro a 4 de março de 1878, por Anadia; 1879, de 2 de janeiro a 28 de agosto, por Anadia; 1880, de 2 de janeiro a 4 de junho de 1881, por Anadia; 1882, de 2 de janeiro a 24 de março de 1884, por Anadia; e emfim, na legislatura de 14 de dezembro de 1886 a 7 de janeiro de 1887, ainda por Anadia.

Em 31 de março de 1887, foi nomeado par do reino, tomando parte desde então nos trabalhos da câmara alta.

Foi ministro da justiça desde 11 de agosto de 1869 a 20 de maio de 1870; do reino desde 1 de junho de 1879 a 25 de março de 1881. Nomeado pela primeira vez presidente do conselho de ministros e ministro do reino em fevereiro de 1886, conservando-se o gabinete até 1890. Em 1897, pela demissão do partido regenerador, foi novamente nomeado presidente do conselho e ministro do reino, conservando-se até 25 de junho de 1900, em que se demitiu.

Nésta longa e agitada carreira politica o sr. José Luciano de Castro, dotado de uma actividade prodigiosa e dispondo de um metodo perfeito de trabalho, não abandonou nunca as suas labutações juridicas, literarias e jornalisticas, pelas quaes tinha uma predilecção especial. Assim, colaborou no antigo *Observador* (depois *Conimbricense*); fundou e redigiu o *Campeão do Vouga*, de Aveiro; foi redactor principal do *Nacional* e do *Jornal do Porto*; colaborou no *Comercio do Porto*, na *Gazeta do Povo*, *Paiz*, *Progresso* e *Correio da Noite*, e juntamente com o falecido e notavel advogado Alves da Fonseca fundou em 1868, em Lisboa, o jornal juridico *O Direito*, que foi, com a *Revista de Legislação*, de Coimbra, o mais poderoso auxiliar da jurisprudencia portuguêsa.

Entre os seus numerosos trabalhos politicos sobresáem diversos projectos apresentados ao parlamento na qualidade de deputado ou ministro, além de grande numero de diplomas executivos ou legislativos.

Nomeado em 1863 director geral dos proprios nacionaes, emprego que exerceu com tanta distinção que obteve até de ministros seus adversarios politicos portarias de louvor, passou em 1892 para membro do Supremo Tribunal Administrativo. Em 18 de fevereiro de 1886 foi nomeado conselheiro de Estado e, além dêstes cargos politicos e administrativos, foi director do Banco de Credito Predial.

Os seus meritos de jurisconsulto fizéram-no socio da Academia de Jurisprudencia de Madrid e socio honorario da Associação dos Advogados de Lisboa.

Foi em 1885 que sucedeu a Anselmo José Braamcamp na chefia do partido progressista e, nêsse alto cargo, afirmou sempre incontestaveis aptidões de politico e de estadista.

* * *

Dois factos importantes, relativamente recentes, colocam o extincto em grande evidencia:

A dissidencia produzida no seu partido na questão dos tabacos, dissidencia que têve por chefe o sr. José de Alpoim e a aliança com o partido regenerador liberal, que têve por chefe João Franco, aliança desfeita quando o franquismo entrou pela dictadura, que têve o tragico conhecido desfecho no Terreiro do Paço.

Memoraveis ficaram tambem os debates parlamentares, na câmara dos pares, entre o extincto e José de Alpoim. O chefe progressista, não obstante a doença que já o minava e a edade, já provecta, possuia ainda a sua habitual viveza de cerebro, não tendo diminuido o vigor da frase nem a sua habitual sagacidade. Mas o adversario era valoroso, e esse duelo formidavel interessou o país inteiro.

Desfeita a aliança com os franquistas, José Luciano de Castro tornou-se seu inimigo e atacou-os com extremos de violencia nas colunas do *Correio da Noite*, seu orgão. Mas não circunscreveu a guerra a João Franco porque foi mais longe e feriu egualmente o rei com golpes rijos e contundentes. Na sua imprensa, o facto não constituia novidade, pois que D. Carlos de Bragança já como soberano sofrera néla violentas criticas.

Após o regicidio, a familia real apelou, novamente, para José Luciano, que foi um dos conselheiros mais escutados da solução que se tomou para assegurar a corôa a D. Manuel, mas quando este, se viu forçado a recorrer a um governo da presidencia do sr. Teixeira de Sousa, o chefe progressista permitiu, inspirou e, segundo consta, ditou no seu orgão artigos não menos demolidores que os escritos contra D. Carlos e João Franco. Então José Luciano aliou-se com todas as facções reaccionarias, o que não obstou a que estas fossem batidas nas eleições e os republicanos elegessem 14 deputados, mostrando o eleitorado a sua aversão pelo trono, que a revolução de outubro derrubava.

Entre os episodios que então se desenrolaram, deu-se um que evidenciou por banda dos revolucionarios a nobresa de sentimentos tão caracteristicos do nosso povo. Alguns mais exaltados correram á rua dos Navegantes para invectivarem o velho politico e exercerem nêle violencias. Mas outros surgiram e facilmente convenceram os primeiros da inconveniencia e até da impiedade dos seus projectos. José Luciano conservou em tal conjunctura uma atitude resignada e serena, póde dizer-se que o sangue frio de que deu mostras em muitos lances dificeis.

Pouco depois dêstes factos veiu para a sua casa no proximo concelho de Anadia onde a morte, na passada segunda-feira, pelas 4 horas da manhã ceifou a existencia do velho estadista.

Os ultimos momentos do sr. José Luciano

O sr. José Luciano teve compléto conhecimento da aproximação do seu fim, que aguardou com altiva serenidade.

Na vespera da sua morte, ao caír da tarde, a esposa mandou cerrar uma janela que estave aberta no quarto do doente, mas este, com um gesto, deteve o cerramento, dizendo: *Para a eterna escuridão vou eu.*

As suas ultimas palavras, dirigindo-se á esposa, foram: *Lá te espero*; caindo em seguida numa profunda letargia, interrompida quando se aproximou o dr. Moreira Junior, a quem o moribundo apertou significativamente a mão, esboçando um sorriso. Desde então a vida foi-se lhe apagando, até que de todo se extinguiu, serenamente, eram 3 horas e 40 minutos de segunda-feira.

Funeral do extinto

Eram 15 horas de terça-feira quando se realisou a trasladação do corpo do sr. José Luciano para o cemiterio do Crasto, que dista aproximadamente dois kilometros de Anadia, indo o cadaver vestido de casaca, sem condecoração ou distintivo algum, por recomendação expressa, feita em vida, a pessoas de familia.

A fisionomia do finado estava absolutamente tranquila, apenas acusando uma intensa palidez. Tinha sobre o peito um pequeno crucifixo e algumas fotografias de familia, estando o resto do corpo coberto de violêtas.

Não obstante ter recomendado tambem para que não houvésse nenhuma pompa, sobre o ataude foram depostas algumas corôas sobresaindo a oferecida pelos seus antigos correligionarios e amigos de Aveiro.

O cortejo funebre, como acima fica dito, começou a organisar-se ás 15 horas, encorporando-se nêle algumas centenas de amigos do sr. José Luciano, muitos dos quaes idos propositadamente de fóra para êsse fim.

O feretro foi conduzido para a rua por os intimos da familia, sendo acompanhado pela viuva e filhas, que, enlaçadas, choravam em violenta comoção, retirando quando o cadaver chegou ao jardim.

Organisado o funeral, abria o prestito a irmandade dos Arcos seguida pelas da Moita e Mogofôres, de cruzes alçadas, e por numeroso grupo de eclesiasticos. O caixão ía literalmente coberto de violêtas com uma grande cruz de camelias brancas ao centro e era conduzido pelos criados da casa.

Organisaram se váriós turnos para segurar as borlas do pano que o cobria. Nas ruas a multidão apinhava-se, dificultando a marcha, que se fez vagarosamente durante o longo percurso até ao cemiterio onde ficáram recolhidos os despojos do velho estadista.

Da porta da capela falou o sr. Francisco Beirão, que conduzia a chave do ataúde, dando a direita ao conde de Sabugosa, representando a extinta familia real. Discursou em nome da Academia de Ciencias, da Associação dos Advogados e em seu proprio, enaltecendo as virtudes politicas e pessoaes do finado. Seguiu-se o dr. Antonio Candido, que produziu uma brilhante oração, referindo a obra politica do falecido, para quem têve repassadas palavras de homenagem saudosa. O sr. dr. Moreira Junior leu um discurso, acordando no espirito de todos a nobreza de caracter e elevação de sentimentos do grande estadista e iminente patriota. O sr. Luís Ferreira patenteou a sua homenagem de gratidão ao inolvidavel amigo, e o sr. conde de Agueda poz em relevo os serviços e a dedicação do falecido pelo distrito e por Anadia assim como a sua lealdade para com a Patria e o rei, nomeadamente a sua modestia revelada no ultimo pedido para que não déssem grandeza ao funeral nem lhe puzéssem distintivos com que reis, imperadores e presidentes de republica o tinham distinguido. O dr. Amador Valente lembrou os ensinamentos do grande homem, de quem se ia esconder o corpo, enquanto a alma se perdieria na luz do infinito, e o sr. Carlos Ferreira produz a seguir uma vibrante alocução de sentida homenagem. O sr. Carlos Gonçalves falou em nome do Centro Academico Monarquico de Coimbra, fechando a serie de discursos o dr. Horta e Costa, recordando a elevação de sentimentos patrioticos do finado.

Dirigiram o funeral os srs. dr. Adriano Cancela e Cabral Metelo.

* * *

A' viuva do sr. José Luciano teem sido enviados inumeros telegramas de condolencias, destacando-se os do sr. dr. Manuel de Arriaga, presidente da Republica; do sr. dr. Bernardino Machado, presidente do ministério; dr. Afonso Costa e da ex-familia real.

O govêrno fez-se representar no funeral pelo ilustre governador civil dêste distrito, sr. dr. Alberto Vidal, indo tambem a Anadia com o mesmo fim os srs. dr. Brito Guimarães e Bernardo Torres, que representaram, respectivamente, as comissões deliberativa e executiva da câmara de Aveiro, de que são presidentes.

Vários individuos désta cidade encorporaram-se egualmente no prestito que foi o maior e mais concorrido que se tem realisado no concelho de Anadia.

A festa da Arvore

Promete ter desusado brilho a festa nacional da Arvore que no domingo se realisa em todo o país e para a qual o professorado das escolas primárias está disposto a empregar o melhor do seu esforço e bôa vontade no sentido de a fazer realçar, sobre tudo, como uma grande manifestação de culto civico.

No que diz respeito a Aveiro somos informados que do programa faz parte a alvorada, com musica, ás 7 horas; uma parada de creanças e exercicios ginasticos na Praça da Republica, ás 10; um cortejo civico, que partindo ás 12 horas da Escola Central Masculina, percorrerá as ruas: Direita, Costeira, Praça Luiz Cipriano, José Estevam até ao Largo da Vera-Cruz, onde se plantarão algumas arvores, com regresso pela Avenida Bento de Moura, rua de Entre-pontes, Costeira rua da Revolução e Praça Marquez de Pombal em que se farão outras plantações e ás 14, finalmente, uma merenda no jardim publico servida pelos professores a todas as creanças, que em seguida assistirão á sessão cinematografica no Teatro Aveirense, com fitas apropriadas e em sua honra efectuada.

Todos os alunos e alunas das escolas entoarão hinos adequados á festa, com acompanhamento das bandas de musica que nela tomam parte, e cujos ensaios se veem fazendo diariamente no meio de grande entusiasmo da petisada.

Oxalá o tempo se conserve em termos de não prejudicar aquilo que ela considéra *o seu dia grande.*

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 40$00 o vagon.

Os vitimos

Insurge-se num dos seus ultimos n.os a *Soberania do Povo*, dirigida pelo Conde de Agueda, porque a amnistia não abrangeu o seu correligionario e amigo Homem Cristo, a quem chama um *grande jornalista* exatamente porque nunca lhe sentiu as ferraduras dados os entendimentos existentes de ha muito entre a *casa do conselheiro* e o prostibulo da incorrigivel cavalgadura.

Vê-se que são dois colégas unidos para a vida e para a morte. Prova-se que tanto a *Soberania do Povo* como Homem Cristo se entendem á maravilha, numa dôce promiscuidade, que causaria admiração se não fosse o conhecimento que toda a gente tem do vergonhoso pacto negociado com Agueda a troco de mutuos favores que consistem, da banda do *Pulha*, em não hostilisar de nenhuma fórma os representantes no distrito de Aveiro daquela politica dissolvente que os da *casa do conselheiro* ainda pretendiam continuar depois da proclamação da Republica. E não foi para outra coisa que eles se fizéram republicanos. Republicanos até á medula, todos. Mas o peor é que ninguem os tomou a sério, que ninguem os acreditou e de aí a furia com que se atiram ás instituições aproveitando até o facto de Homem Cristo não ser amnistiado para se fingirem revoltados contra a exclusão, que lhes permite mostrar a sua simpatia por esse *grande vulto do jornalismo* não vá ele lembrar-se de os mimosear com alguma duzia de coices, como é seu costume, quando julga que deixaram de o ter na devida consideração... Por isso a *Soberania diz: Esta exclusão representa não só um acto de cobardia, mas de vingança; não só um acto de cobardia e de vingança, não só um acto de perseguição mesquinha, mas qualquer coisa como um grande atentado—um atentado contra o direito que um jornalista tem de exprimir as suas revoltas.*

Pódem estar socegados. Que a engraxadela, posto que tardía, ainda veio a tempo de evitar qualquer manifestação burrical do intimo camarada dos aristocriticos habitantes da *casa do conselheiro*...

Visitas honrosas

Tem estado em Aveiro o sr. Antonio de Almeida Lima, capitão de mar e guerra, que a esta cidade veio expressamente tratar de assuntos de pesca.

S. ex.ª depois de ter conferenciado com vários proprietarios das companhas do litoral e comissões do distrito maritimo de Aveiro, visitou a praia de S- Jacinto e Barra manifestando a opinião de que entre as linhas paralélas ao norte de Espinho e ao sul de Mira senão devem permitir os cêrcos americanos para o que se torna necessaria uma rigorosa fiscalisação por parte do govêrno.

Sendo assim e caso este queira tomar na devida consideração os alvitres do sr. Antonio de Almeida Lima, as *chávegas*, unicos aparelhos de pesca empregados entre nós e que não pódem ser substituidos por outros devido ao estado da Barra, terão assegurada a continuação da sua existencia, o que, além de trazer largas vantagens para os pescadores e para o Estado, visto como hade fatalmente modificar-se a crise que aquêles atravessam por falta de peixe, afugentado pelos navios espanhoes que andam na costa com os cêrcos e a este dar os rendimentos fabolosos de outr'ora, determinará tambem uma sensivel modificação na vida economica désta tão vasta quanto produtiva região.

E' tempo que em beneficio dos pobres se faça alguma coisa de geito.

* * *

Tambem ontem aqui chegou o comandante da 5.ª divisão militar, sr. general Blanco, que vem em revista ás escolas de instrução de oficiaes e recrutas.

Governador de Moçambique

Foi aprovada por unanimidade, no Senado, a proposta de nomeação para governador geral da nossa provincia de Moçambique do sr. general Joaquim José Machado a quem a imprensa tem feito lisongeiras referencias dizendo-o dotado da maior competencia para o exercicio daquele alto cargo.

Se assim é só temos que nos congratular com o acerto da escolha.

O 7.º aniversario de O DEMOCRATA

Saudações da imprensa

Começámos hoje a arquivar nestas colunas os cumprimentos recebidos de alguns amaveis colégas que nos quizéram distinguir por ocasião do nosso aniversario com cativantes palavras de bôa camaradagem e que, alem de nos penhorarem, servem de incentivo á taréfa a que devotadamente temos dado o melhor do nosso esforço antes e depois da proclamação da Republica por querermos vêr esta dignificada, livre do contacto da frandulagem que a conspurca, dos emeritos charlatães que a exploram.

Assim, transcrevemos da

Patria, de Ovar:

"O Democrata,,

«Acaba de encetar o seu 7.º ano de existencia este nosso presado colége aveirense, que tem mantido uma linha reta de combate algumas vezes energica embora, na defêsa dos seus ideaes, que é uma Republica expurgada de fingimentos.

Por tal facto o felicitâmos cordealmente, desejando-lhe toda a sorte de prosperidades.»

Do *Jornal de Vagos*:

Aniversário

«Completou mais um ano de existencia o *Democrata*, semanário que se publica em Aveiro, intrepido defensor dos principios republicanos.

Felicitâmol-o, desejando-lhe longa vida»

Do *Mundo*, de Lisboa:

Jornais

«Entrou no seu 7.º ano de existencia o nosso presado coléga *O Democrata*, de Aveiro, dirigido pelo nosso amigo Arnaldo Ribeiro.

Os nossos cumprimentos.»

Do *Radical*, de Oliveira de Azemeis:

"O Democrata,,

«Entrou no 7.º ano da sua existencia este nosso presadissimo confráde, vigoroso semanário republicano de Aveiro, de que é director o nosso velho amigo Arnaldo Ribeiro.

Enviando-lhe as nossas saudações, desejamos-lhe a continuação das suas prosperidades.»

Do *Povo de Basto*, de Celorico:

"O Democrata,,

«Passou no dia 28 de Fevereiro o setimo aniversário dêste nosso presado coléga de Aveiro—um dos mais bem redigidos semanários de provincia—que com raro espirito de integridade e isenção, defende com denodo e inteligencia a causa democratica a que tem prestado relevantes serviços, arrostando com perseverança campanhas odientas com que certas creaturas o teem procurado sufocar.

Ocioso é dizer quanto nos congratulamos com mais este aniversário do valente campeão aveirense, espelho onde se refletem o cérebro e o coração do seu ilustre director e nosso presado amigo sr. Arnaldo Ribeiro, a quem por tal motivo enviamos um cordeal abraço de parabens.»

Notas mundanas

Passou ontem o terceiro aniversario natalicio do pequenino Vasco, interessante filho do nosso querido amigo e conterraneo, Francisco Vieira da Costa e de sua extremosa esposa, sr.ª D. Violeta Vieira da Costa, ausentes em Loanda.

Com os nossos parabens aos paes do esperançoso Vasquinho incluimos mil votos por que o futuro lhe decorra no meio das maiores felicidades.

= Visitou-nos no fim da semana passada o nosso velho amigo sr. João Carlos Moreira da Silva, muito digno farmaceutico em Mira.

= Na capital, onde agora se encontram, deu á luz uma menina, no dia 5 do corrente, a esposa do sr. Sebastião Nunes Dias, pelo que o felicitâmos desejando á recem-nascida todas as venturas.

= Chegou de Amarante o nosso velho amigo Raul Vidal, tenente farmaceutico do ultramar.

= Está quasi restabelecida a sr.ª D. Mécia de Barros Miranda, esposa do sr. Antonio Felizardo.

= De passagem para a terra da sua naturalidade, Requeixo, deu-nos o prazer da sua visita o sr. Manuel Dias dos Santos, proprietario duma importante ourivesaria em Valença do Minho.

= Com curta demora veio na quarta-feira a Aveiro, o sr. Joaquim Ribeiro, droguista portuense.

= Tambem aqui vimos os srs. Adelino Ferreira Pinhal, José Martins da Rosa Graça e Luiz Apolinario da Silva, da Palhaça; Joaquim Soares de Figueiredo Castro, de Loureiro; Manuel Gonçalves Nunes, Teixeira Ramalho, Afonso Fernandes, de Cacia e M. S. Oliveira, do Paço.

= Fixou definitivamente a sua residencia em Alcantara Terra, de cuja estação do caminho de ferro é chefe, o nosso amigo e conterraneo, sr. David Bernardo.

= Esteve ontem tambem nésta cidade, retirando á noite para Espinho, o sr. José de Sousa Martins, industrial ali muito conceituado.

Desastre e morte

Quando na segunda-feira se dirigia de Ilhavo para esta cidade um carro da alquilaria Ramalheira, daquela vila, guiado pelo cocheiro Francisco Laurindo, foi por ele atropelada uma pobre creança de 5 anos, filha de Nazaret Rocha, que, conduzida ao consultorio do medico Machado da Silva, ali faleceu pouco depois no meio de horrivel sofrimento.

O triste acontecimento, como é de calcular, causou em toda a vila a mais funda impressão, tendo sido preso o cocheiro sobre quem recáem grandes responsabilidades no desástre por trazer o carro á desfilada no intuito de passar adeante doutro que vinha na frente.

Tanto a pequena como a mãe regressavam a Ilhavo após terem pago, no santuario das Dôres, de Verdemilho, uma *promessa* feita em acção de graças por aquela se ter restabelecido de uma grave doença de que fôra ultimamente acometida, donde se conclue que a santa em vez de agradecer e guardar as penitentes nenhum caso fez delas para suceder o que lhes sucedeu.

Hão-de concordar que é duro...

ARTIGO

E' ainda do *Diario de Noticias* o que hoje ocupa o fundo do nosso jornal. O primeiro provocou já da parte da *Epoca*, de Madrid, uma local na qual a importante gasêta espanhola repele a suposição de que a Espanha deseje entender-se com a França, Inglaterra e Alemanha para atentar contra a integridade de Portugal. Desculpa as inexatidões publicadas na imprensa de Madrid a proposito da ultima grève ferro-viaria e recorda o facto de todos os jornaes espanhoes terem saudado o advento do atual govêrno português.

Como se deixa vêr, estas declarações da *Epoca* são da maxima importancia por partirem dum dos mais antigos e sérios periodicos do visinho reino.

Na festa da Arvore

Historia simples

Creanças, vinde ouvir a simples historia
Que meu bom professor me contou cérto dia,
E' bela essa lição. Guardae-a na memoria.
Como tambem eu fiz. Assim ele dizia:

—«Na terra onde nasci, em risonha colina,
Era eu como vós sois, uma ingenua creança,
Por um dia de Março, á hora matutina,
Uma arvore plantei de verde côr de esp'rança.

Começava a sorrir a bôa Natureza
Vestindo os troncos nús de folhas e de flôres,
E, na idilica paz do campo e na deveza,
Avesitas gentis cantavam seus amôres.

Era um dia de Sol creador e fecundo,
Suave precursor da linda Primavera,
Que num hausto de luz iluminando o Mundo
Beijava docemente a aldeia onde eu nascêra.

Quando eu a plantei era tão pequenina
Que mal ultrapassava a infantil altura
Da creança que eu era, e via-a tão franzina
Que cuidei ir abrir-lhe a triste sepultura;

Mas todas as manhãs antes de ir p'ra a Escóla,
Ao começar o Povo a campesina lida,
Levava lhe contente uma bemdita esmóla
Regando-lhe a raiz sequiosa de vida.

Alguns mezes depois, forte seiva sorvendo
Na Terra, a santa Mãe de toda a creação,
Novos ramos botava, e ia assim crescendo
Na aleluia de luz do bom Sol do Verão.

E, quando novamente a Primavera veio,
Erguendo para o céu seus braços em flôr,
Tal força a Terra Mãe lhe déra do seu seio
Que era, ao lado de mim, duas vezes maior.

Fômos ambos crescendo e já na adolescencia
Como a gemea irmã, á sua sombra amiga,
Eu ia-lhe dizer meus sonhos de inocencia
No singelo trovar de ingenua cantiga.

O tempo ia passando... Em dia já distante
Eis-me feito soldado e tive de partir,
Deixando minha Mãe d'olhar lagrimejante
P'ra a outra mãe comum, a Patria, ir servir.

Olhando, já de longe, a arvore querida,
Numa tarde de Inverno aonde o céu chorara,
Vi-lhe nos ramos nús a imagem dolorida
Da tristeza sem fim que em minh'alma levava.

Quando um dia voltei, alegre e satisfeito,
Pago o tributo já da Patria em defêsa,
Sentindo que vivia a dentro do meu peito
Um mais profundo amor á terra portuguêsa;

A' beira déla vi, esp'rando-me contente,
A minha santa Mãe a chorar de alegria,
Meu Pae e meus irmãos, amigos, toda a gente
Que na aldeia natal nêsse tempo vivia.

E entre êles tambem, que em festiva maneira
Com ternura e carinho ao peito me cingiam,
Estava a minha noiva, a meiga companheira
Do meu futuro lar, cujos olhos sorriam.

E dêssa arvore, então em plena florescencia,
Como que a festejar nossos ternos amores,
Sentia-se evolando uma subtil essencia
Que vinha desfazer-se em chuva de flôres.

E toda a minha vida éla viveu comigo
Na simples comunhão da Natureza bela,
Contra o vento soprando éla era meu abrigo
Nas sestas do Verão sonhava á sombra déla.

Deu-me luz e calor ardendo no meu lar,
O berço onde embalei meu filho estremecido,
As taboas do meu leito onde ia repousar
Das fadigas do dia o corpo dolorido...

Agora que já sinto a vida declinando
Eu fico-me a sismar numa aspiração justa,
Perto déla dormir, na Morte descançando,
O meu eterno sono á sua sombra augusta!

Os restos do meu corpo iriam nos seus ramos
Em folhas transformar-se, em flôres reviver,
Pois que na triste Vida o que na Terra amamos
A' Terra ha-de voltar p'ra de novo nascer!...»

E na pequena aldeia, (estou a vêl-o ainda),
A contar esta historia, o velho professor
Tinha no seu olhar uma doçura infinda
Feita de Sonho e Luz, de Saudade e Amor!...

Ilhavo, 9-III-914.

Samuel Maia

Falta de espaço

A absoluta carencia de espaço com que lutâmos hoje obriga-nos a deixar para o numero seguinte a continuação dos artigos sobre a atitude politica dos representantes da *casa do conselheiro* e bem assim outros originaes que não perdem a oportunidade.

Vitimas do temporal

Confirma-se, infelizmente, a morte dos tres tripulantes do barco moliceiro que nunca mais voltaram a ser vistos depois da ultima noite tempestuosa do mez findo, tendo aparecido já os cadaveres dos desgraçados aos quaes foi dada sepultura no cemiterio desta cidade.

Chamam-se eles Antonio de Oliveira Bairrada, solteiro, da Vigia; Manuel de Jesus Capela, casado, do Corgo do Seixo e Manuel, de 11 anos, filho deste, todos da freguezia de Vagos.

O temporal apanhou os infelizes estando eles a dormir na prôa do barco, presumindo-se que não tivéssem tempo sequer para um esforço de salvamento como era natural que tentassem se não fossem colhidos de surprêsa.

Lamentâmos, com magoa, o triste acontecimento.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques *Pereira*, em frente ao Mercado do Côjo e *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

ACACIOS EM RELIGIÃO

Póde ter cada um a religião que quizér, ou não ter nenhuma, mas é uma questão de boa educação tirar o chapeu á passagem duma procissão.

E' vulgar ouvir estas palavras da boca de algumas pessoas ilustradas, levadas unicamente pelo critério do *ouvir dizer*.

Para estes, a religião, como um fenomeno psicologico, cifra-se unicamente numa exibição de luxo e em paradas brilhantes, dentro ou fóra dos templos. O seu critério resume-se no seguinte—para o povinho é um freio a religião e para as pessoas ilustradas e de categoría é um *sport*, um entretimento *chic*, um acto de boa educação a que dão brilho e realce a riqueza dos paramentos, o aspecto decorativo das opas, cruzes, pendões, palios, a par dos figurantes de categoría que alinham nas procissões ou nos actos do culto dentro dos templos.

O católico Acacio venera todas aquelas exterioridades na tacanhez do seu espirito, sempre muito pausado e conveniente no aprumo dos seus colarinhos e na correcção impecavel da sua fatiota.

A vacuidade do seu cerebro não lhe deixa perceber que é uma afronta, perante as religiões e a propria razão humana, o fazer imposições á consciencia do homem, em materia religiosa.

Todas as religiões enfermam desta preocupação intolerante—cada uma julga-se na posse da verdade e todas as demais são falsas.

Pela igreja católica são condenados todos os respeitos humanos que afastam o homem do cumprimento dos seus deveres religiosos. A mesma doutrina faz parte do crédo de todas as seitas. O cidadão religioso deve procurar servir e agradar ao seu Deus, sem se envergonhar do que dizem ou fazem os homens. As influencias e respeitos humanos não devem empecer a nossa conduta de fieis. Para um protestante á face da Biblia, reconhecida como canonica pelos católicos, o culto das imagens é uma infame e ignobil idolatria. Infames e ignobeis são, pois, todos os que nestas condições querem forçar á prática de um acto aquele que perante a sua crença ou a sua razão, repele um acto que o amesquinha, como é o descobrir-se deante duma procissão que é para ele uma idolatria ou uma indignidade. Demais, os farçantes de boa ou má fé que fazem parte de tais cortejos, julgam-se ofendidos porque lhes espesinham a sua hipocrita vaidade, que não o seu zelo pelo respeito á divindade.

¿Então os farçolas tem procuração para punirem de pronto os desacatos dos que se não descobrem á passagem das procissões e não castigam aqueles que despresam e achincalham os demais preceitos da igreja? E' que nestas condições é vexada e vilipendiada em publico a vaidade destes tartufos.

Por isso as procissões devem ser proibidas em toda a linha, enquanto se não fizer luz bastante nos cerebros, de modo que cada um compreenda que vai numa procissão por um motivo superior de respeito; não pela sua pessoa, mas pela divindade que adora. Descobrimo-nos a Deus e não aos homens.

O Acacio em religião entende, porém, que, neste caso, tirar o chapeu para venerar os homens, é um acto de boa educação. A divindade não é para ali chamada, é uma cousa secundaria.

O Azevedo é os nossos pecados. O Azevedo, que estava acostumado a lêr todos os jornaes da sua terra que lhe chegassem ás mãos, vê-se agora privado de não lêr o *Democrata*, é caso para nos trazer apreensivos porque nada mais natural do que apanhar uma *ougação* que o limpe. Verdade seja que o Azevedo, por detraz da cortina, ainda não deixou escapar um numero só que fosse depois da soléne intimativa—*Azevedo: ponha lá fóra a réles gazeta da sua terra...* Mas se os patrões sabem? Lá vai o Azevedo para casa de mil diabos...

E então é que nem alma se lhe aproveita...

Amadeu Faria de Magalhães

Quando na transata sexta-feira era enviada para a maquina a ultima pagina do *Democrata* uma noticia veio até nós que nos encheu de tristêsa e abalou profundamente na nossa sensibilidade—Amadeu Faria estava morto, vitimado não pelos seus antigos padecimentos, mas por uma congestão que em poucos instantes o arrancou á vida, fulminando-o quando, cheio de esperanças, se esforçava por vencer a doença de que ha tres anos vinha sofrendo.

Quem era Amadeu Faria? Um aveirense que honrou esta terra pelas suas virtudes, pelo seu caracter e pela nobrêsa do seu coração. Funcionario distintissimo do govêrno civil durante bastantes anos, Amadeu Faria conquistou a estima e a simpatia de todos os seus colégas porque foi sempre um leal companheiro, cumpridor dos seus deveres não se lhe apontando a mais léve falta. Como chefe de familia podia ter quem o egualasse mas nunca quem o excedesse.

O seu lar era um verdadeiro paraiso. Tinha o culto da familia e era entre éla, no seu convivio, que passava quasi todo o tempo livre das suas ocupações. As mais bélas qualidades possuia-as Amadeu Faria em grande numero, pois que soube sempre fazer-se respeitar como respeitador era de todos quantos dêle se acercávam quer fossem amigos ou simples conhecidos.

Filiado no partido regenerador, nêsse partido se conservou até ao advento da Republica, á qual aderiu logo, filiando-se no *Centro Escolar Republicano* désta cidade, que pouco depois o elegeu presidente da direcção com verdadeiro aprazimento de todos os republicanos da velha guarda que sabem distinguir entre *adesivos* os que conveem ás instituições, e que não são positivamente aquêles que trazem marcado na fronte o ferrête das suas imoralidades.

Amadeu Faria de Magalhães não se póde dizer que morresse velho pois que, contando 55 anos e apesar da sua doença, conservava um aspecto de robustez que lhe permitia aparentar largos dias de vida, o que infelizmente não aconteceu.

Pela nossa parte lamentamol-o devéras e com tanta sinceridade como sincéro era o nosso bom amigo e correligionario.

A' viuva inconsolavel, sr.ª D. Joana Gomes de Faria bem como a sua filha e de mais familia enlutada a expressão sentida do nosso pezar.

RESTOS...

Acabam de nos informar de que já se não realisa o julgamento dos tres artistas que tomaram parte na manifestação hostil do ano passado ao medico Pereira da Cruz e seus defensores, por terem os réus sido atingidos pela amnistia concedida ultimamente, como no-lo demonstrou pessoa entendida em leis.

Quer dizer: ficâmos assim inibidos de tirar as conclusões que resultam do facto de entre tanta gente que se manifestou contra um sugeito a quem meia duzia de homens passou um diploma de *honrado*, numa terra onde esse cavalheiro é sobejamente conhecido de longa data, só tres artistas, todos rapazes novos, terem sido processados, e ainda de salientarmos a nossa profunda estranhêsa por, dentre a imensidade de testemunhas que faziam parte do rol fornecido pelo queixoso, só dois ou tres policias aparecerem com a vista de tal maneira apurada que efectivamente distinguiram no meio da onda de manifestantes os indigitados como cabeças de motim pelo *simpatico* cirurgião, que é ao mesmo tempo uma *lidima personagem* desta terra com larga folha de serviços em prol da humanidade aflita, sofredora, paciente...

Mas, adeante. A amnistia cobriu mais essa revoltante iniquidade e isso nos leva a calar o nosso protésto contra a infamia de ardilosamente se envolverem num processo crime creaturas que só a policia viu e conheceu para as fazer sentar no banco dos réus porque assim o desejavam os herоes de algum dia, corridos na memoravel tarde de 22 de Maio de 1913.

Miseria das miserias.

Empregados do comercio

Procedeu-se ha dias á eleição dos novos corpos gerentes que hão-de administrar a Associação dos Empregados do Comercio de Aveiro durante o ano de 1914, os quaes ficaram assim compostos:

Assemblêa Geral

Presidente, Henrique dos Santos Rato; *1.º secretário*, Antonio Ferreira da Maia; *2.º secretário*, Eurico Meireles.

Direcção

Presidente, Augusto Decrook; *vice-presidente*, Luís dos Santos Vaz; *tesoureiro*, José Maria da Cunha; *1.º secretário*, Manuel Ramires Fernandes; *2.º secretário*, Antonio Guimarães; *vogaes*, Manuel Dias C. Azevedo, Manuel Mendes Leal e Cezar Augusto Ferreira.

Junta Distrital de Aveiro

(Comissão executiva)

A' reunião ordinária de sabado, presidida pelo sr. dr. Marques da Costa, secretariado por Arnaldo Ribeiro, estivéram tambem presentes os restantes vogaes, srs. dr. Elisio Sucena, dr. Samuel Maia e Elisio Feio.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomou a comissão conhecimento do expediente, a que deu o devido destino, bem como do balancête do tesoureiro.

O vogal dr. Samuel Maia apresentou o projecto do novo regulamento do Asilo que deve ser posto em vigor apenas esteja aprovado.

Resolveu convocar uma reunião extraordinaria da Junta para o dia 21, ás 13 horas, para nela ser presente o orçamento e tratados outros assuntos de interesse distrital.

Aprovou os orçamentos da irmandade de S. Francisco, da freguezia de Lourosa, concelho da Feira; da Ordem Terceira de S. Francisco, da vila de Agueda e o suplementar da Misericordia desta cidade e deferiu dois requerimentos para a entrada de menores no asilo logo que haja vagas.

Por ultimo lançou na acta um voto de profundo sentimento pela morte do cidadão Amadeu Faria de Magalhães, que, como funcionario, fez parte da antiga Junta Geral, resolvendo que esta sua resolução fosse comunicada á familia do extinto e após o que deu por findos os trabalhos desse dia.

Carta de Africa

Beira, 15 de fevereiro

Pediu a demissão de empregado da Companhia de Moçambique, o cidadão Alfredo Gonçalves Ribas, que seguiu a bordo do vapor *Africa* com destino á metropole.

= Tambem seguiu no mesmo vapor em goso de licença graciosa, acompanhado de sua esposa e filhinha, o cidadão João Osorio da Cunha Dá Mesquita, escrivão do 1.º oficio desta comarca.

= Acaba de ser dispensado do serviço da Companhia de Moçambique, o nosso ilustre correligionario dr. Artur de Almeida Leitão, que no tempo da monarquia reaccionaria-jesuitica, dirigiu o jornal a *Republica*, que foi um verdadeiro baluarte em pról da Liberdade que raiou em 5 de Outubro.

A talassaria local anda radiante de contentamento pela demissão dada ao intemerato republicano, porque o dr. Leitão é hoje o mesmo caudilho, que foi em tempos idos, e a sua presença aqui neste ubérrimo rincão africano era indispensavel para combater aqueles que, em publico, vomitam os maiores insultos sobre a Republica Portuguêsa.

No territorio da Companhia de Moçambique ainda hoje é considerado como crime hediondo professar ideias republicanas, pelo que se tem visto e está vendo...

= Já se acha em reparações, a casa onde vai ser instalada a empresa do novo jornal a *Patria*, orgão de propaganda e fomento da Africa Oriental Portuguêsa.

= Tem sido vivamente comentado o caso do senador Freitas, em que este, juntamente com outros colégas da oposição, tentaram a todo o transe, difamar a brilhante figura duma Patria redimida, que é Afonso Costa.

C.

LUÍS LOPES

A juntar-se a seu irmão Julio, ha longos anos residente em Camaquan, proximo do Rio Grande do Sul, E. U. do Brazil, partiu na quarta-feira para Lisboa donde tenciona embarcar no primeiro paquete com destino á capital da grande republica sul-americana, que conta visitar antes de seguir viagem, o nosso conterraneo e amigo, sr. Luís de Souza Lopes, recentemente chegado de Africa.

Não sabe Luis Lopes nem o tempo que se demorará nem se a sua permanencia em Camaquan tem de ser estavel ou não. No entretanto julgava ele do seu dever despedir-se de todas as pessoas das suas relações e amisade, não o tendo, todavía, feito, pela precipitação da saida, mas encarregando-nos de o desculparmos por essa falta o que nada nos impéde de aceder ao seu desejo.

Ao bom amigo e estimavel aveirense apetecemos uma viagem feliz com todas as venturas inerentes ás belas qualidades que Luís Lopes possue.

Feira de Março

Acham-se bastante adeantados os trabalhos do abarracamento para a feira que é de uso abrir-se, no Largo do Rocio, a 25 do corrente mez.

Este ano as barracas são todas novas em virtude do arrematante não ser o mesmo que delas estava encarregado.

O sal português

Começa a industria salineira a sentir os efeitos da falta do tratado de comercio com a visinha Espanha. Em Aveiro e Figueira da Fóz, o preço do sal tem baixado já consideravelmente, havendo ainda muito sal por vender e devendo, daqui a uns 3 ou 4 mêses, começar já nova colheita.

Apesar da colheita passada não ter sido grande, ficou bastante sal em ambas as *localidades* e o mesmo sucede noutros *salgados* ou regiões do país.

Mas não é só a exportação de

sal para Espanha que falta aos nossos salineiros. Outros importantes mercados, que eram por nós abastecidos, são agora fornecidos pela Espanha e Italia e temos agora ainda peor concorrente no sal mineral (alemão e inglês).

As minas de sal alemão eram dantes exploradas apenas para obter o sal comum, que por isso era cáro. Desprezavam-se compactas camadas de outros sais quimicos, que ali existem simultaneamente e cujo valor se ignorava. Por isso chamavam a tal produto *sais de desaterro*, para o qual havia até dificuldade em encontrar local para despejo. Um dia, porém, os quimicos descobriram que se tratava principalmente de potassa, e tal descoberta logo originou uma das mais prosperas industrias alemãs—a industria dos adubos quimicos—a qual hoje fornece a potassa á agricultura mundial. E' tal a riquesa que éla representa que os alemães chamam áquêles jazigos *o nosso tesouro nacional*.

Sendo, pois, as minas uma tal fonte de riquesa, o Estado, proprietario da maior parte délas, encontra assim ampla compensação para os baixos preços a que vende o sal *comum* ou *de cosinha*, que a exploração da potassa simultaneamente lhe fornece.

De mais a mais, hoje, tanto na Alemanha como na Inglaterra, as minas produzem sal de um tipo muito semelhante ao sal marinho, em cristais das mesmas dimensões, aparencia, etc., que para a salga do arenque, principal emprego do sal no norte da Europa, substitue bem o nosso sal.

A fórma de exploração das minas é hoje feita por processo muito diverso da antigamente usada. Inundam-se as galerias da mina com agua dôce, e depois de ali permanecer certo tempo é extraída com poderosas bombas. Vem então tão salgada, que basta evaporal-a em grandes caldeiras, para depositar grande quantidade de sal. O preço do produto è tão baixo, que uma tonelada de 1:000 kilogramas de sal, posta á porta do consumidor, em qualquer ponto da costa alemã, custa uns oito marcos, o que corresponde a 1$30 ao nosso moio de 828 litros.

Imagine-se como poderia o sal português continuar a concorrer com o mineral, tendo de pagar frete ao vapor ou navio até á Alemanha. Em certas épocas o frete custaria mesmo mais que aquêle preço, que o consumidor paga pelo sal mineral, entregue no seu armazem de salga! E, atualmente, já a Inglaterra, a Escocia e a Alemanha não consomem quasi outra especie de sal!

Por estes motivos, os salineiros portuguêses confiam em que o nosso Govêrno não deixará de atender aos seus interesses ameaçados por tão desanimadora perspetiva, ao reatar as negociações para o novo tratado com a Espanha.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MARÇO

DIAS	PHARMACIAS
15	RIBEIRO
22	ALLA
29	BRITO

CORRESPONDENCIAS

Anadia, 11

No passado domingo realisou-se a anunciada reunião dos socios do Centro Escolar Democratico.

Foram aprovadas as contas da gerencia anterior e eleitos os novos corpos gerentes, que ficaram assim constituidos:

Comissão executiva

Presidente—Julio Augusto dos Santos Maia.

Secretário—Jaime Paulo.

Tesoureiro—José Martins Lares.

Assembleia Geral

Efectivos

Presidente—Albino Nunes Cordeiro.

Secretários—Armando Ferreira de Magalhães e Anibal Nunes Cruz.

Substitutos—Francisco Ferreira Rôlo, Manuel Rodrigues Cancela e Albino da Costa Pereira.

C.

Anuncios

Sociedade das Aguas da Curía

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Capital social: Esc. 200:000$00
Capital emitido: Esc. 100:000$00

SÈDE—CURÍA

ASSEMBLEIA GERAL

Convido os senhores acionistas a comparecer na assembleia geral ordinaria que hade efectuar-se na sala do estabelecimento termal no dia 29 de Março de 1914, pelas 13 horas, sendo os assuntos a tratar:

1.º—Discutir e votar o relatorio e contas da gerencia e parecer do conselho fiscal;

2.º—apreciar os trabalhos da comissão técnica nomeada pela assembleia geral extraordinaria de 13 de outubro de 1912.

O balanço e todos os documentos da escrituração, acham-se patentes ao exame dos senhores acionistas no escritorio da Sociedade.

Curía, 6 de Março de 1914.

O Presidente da Assembleia Geral,

Albano Coutinho

Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis

CONCURSO

A Comissão Executiva da Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis, fáz público que abre concurso, por espaço de 30 dias a contar da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Govêrno*, para provimento do partido medico do Pinheiro da Bemposta, com residencia naquéla freguezia, pulso livre, ordenado anual de 200$00, e com obrigação de tratar gratuitamente as pessoas designadas por lei e demais obrigações legaes.

Os concorrentes devem apresentar na Secreraria da Câmara dentro do referido praso, todos os documentos exigidos na legislação em vigor.

Oliveira de Azemeis e Paços do Concelho, 5 de Fevereiro de 1914.

O Presidente da Comissão Executiva,

Ernesto C. S. Pinto Basto